



MOISÉS GICOVATE, OSVALDO ORICO e PEIXOTO DA SILVEIRA: a construção de Brasília e a difusão de um discurso apologético

História e Historiografia da Arquitetura e do Urbanismos Modernos no Brasil

Luiz Gustavo Sobral Fernandes

ETSAB / Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona

Universidade Politècnica da Catalonha

luiz.gustavo.fernandes@usp.br

Resumo:

Este artigo pretende fazer apontamentos sobre três publicações redigidas sobre Brasília ainda na transição dos anos 1950 e 1960 – momento da construção da nova capital. Muito se escreveu e se estudou sobre Brasília, mas os livros de Peixoto da Silveira, Moisés Gicovate e Oswaldo Orico permanecem ainda relativamente desconhecidos dos historiadores da arquitetura. Apesar das diferenças entre esses trabalhos, é certo que todos possuem muitos elementos em comum: são livros de pessoas distantes dos debates sobre a arquitetura moderna no Brasil mas que, no entanto, fazem intensa apologia da transferência da capital. Mesmo não falando de arquitetura, desencadeiam muito que era o 'espírito Brasília' – desdobramentos do projeto de Oscar Niemeyer e Lucio Costa. Apresentam as relações entre a cidade e o desenvolvimento do Brasil, desmascarando os vínculos pessoais entre Juscelino Kubitschek e os autores. A análise desses livros e seus eventuais significados contribuí para maior compreensão das narrativas populares construídas sobre a arquitetura moderna no Brasil.

Palavras-chave: Brasília; História e historiografia da arquitetura; arquitetura moderna no Brasil; Juscelino Kubitschek; Lucio Costa e Oscar Niemeyer.

Abstract:

This article intends to make notes on three publications written about Brasilia still in the transition of the 1950s and 1960s - the moment of the construction of the new capital. Much has been written and studied about Brasilia, but the books by Peixoto da Silveira, Moisés Gicovate and Oswaldo Orico remain relatively unknown to historians of architecture. Despite the differences between these works, it is true that they all have many elements in common: they are books by people who are far from the debates about modern architecture in Brazil but who nevertheless make an intense apology for the transfer of capital. Even not talking about architecture, they triggered a lot that was the 'Brasilia spirit' - unfolding of the project of Oscar Niemeyer and Lucio Costa. They present the relations between the city and the development of Brazil, unmasking the personal ties between Juscelino Kubitschek and the authors. The analysis of these books and their possible meanings contributed to a better understanding of popular narratives built on modern architecture in Brazil.

Keywords: Brasilia; History and historiography of architecture; modern architecture in Brazil; Juscelino Kubitschek; Lucio Costa and Oscar Niemeyer.



PEIXOTO DA SILVEIRA, MOISÉS GICOVATE E OSVALDO ORICO: a construção de Brasília e a difusão de um discurso apologético

Brasília não foi feita por acaso, não é um acidente. As narrativas hegemônicas, as leituras de ampla circulação e o olhar popular para a cidade, também não. Seria ilusão e inocência pensar que uma cidade do porte da nova capital, com arquitetura e urbanismo ambiciosos, feita no meio de uma então área pouco ocupada do Brasil em um feito coordenado por um estadista no nível de Juscelino Kubitschek de Oliveira não tenha tido amparo midiático à altura de sua realização. Este artigo busca se debruçar sobre um tipo de bibliografia da capital de JK: os livros voltados para o público interno, ou seja, dedicados aos próprios brasileiros. Para além de mera divulgação de um “feito” urbanístico: os trabalhos aqui apresentados chamam a atenção pela tentativa de moldar uma visão da capital, consolidar e apresentar uma perspectiva otimista de sua realização. Levantar perguntas se faz fundamental. Como o brasileiro comum, o homem trabalhador se convenceu da importância da realização da cidade? Como a classe política “engoliu” um projeto desse porte? Como as elites, os industriais e as classes médias escolarizadas acreditaram nesse “projeto de país”?

Estas perguntas não são triviais. É importante lembrar que Brasília, pelo porte da obra, pelo orçamento elevado, pela localização de difícil acesso e pelas inúmeras prioridades que um país periférico exige tinha tudo para ser um projeto escrachado por todos. Este artigo optou pela seleção de três livros escritos na transição dos anos 1950/1960 e que foram, ao que tudo indica, publicações que contribuíram para a aceitação de Brasília pela população brasileira em geral. Não são, certamente, as únicas publicações do período – e é correto considerar que Brasília esteve presente em muitos outros meios de comunicação do período, como em revistas populares de grande circulação. Entretanto, esses três livros apresentam muitas peculiaridades que valem apropriada discussão – semelhanças, mesmos olhares para fenômenos nacionais e uma curiosa proximidade com Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Gicovate, Orico e Silveira: primeiras leituras e muitas tangências

Três autores brasileiros escreveram sobre Brasília logo após o famigerado concurso da Novacap, responsável pela divulgação e seleção da proposta apresentada por Lucio Costa. Por mais que outras publicações mais recentes apresentem textos de diferentes personalidades¹ que se manifestavam de formas antagônicas, com uma parte dos debatedores sendo nitidamente contra Brasília e outra sendo a favor, pode-se afirmar com relativa segurança que este debate maniqueísta se reproduziu de maneira muito menos acentuada nas publicações impressas do período, que foi marcado pela publicação de livros e trabalhos monográficos que se dedicaram com exclusividade à nova capital. Este tópico optou pela seleção de três desses trabalhos, e aqui suas narrativas são interpretadas como próximas por terem muitos pontos de tangência. No trabalho de Moisés Gicovate, chamado *Brasília: uma realização em marcha* (**FIGURA 1**), no de Osvaldo Orico, publicado sob o título de *Brasil, capital Brasília* (**FIGURA 2**), e de Peixoto da Silveira, *A Nova Capital* (**FIGURA 3**), é perceptível uma perspectiva ufanista e apologética à cidade que estava sendo construída. Para adentrar nas especificidades de cada um desses volumes, optou-se por, inicialmente, apresentar um panorama biográfico de cada um dos autores. É necessário reconhecer que essas figuras permanecem atualmente no ostracismo da historiografia mais recente de Brasília, e retomar suas trajetórias pessoais se apresenta como uma operação fundamental.

¹ Um exemplo é a publicação realizada por Julio Katinsky e Alberto Xavier (2012).



Moisés Gicovate, sócio correspondente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia publicaria, ainda no ano de 1959, um pequeno volume sobre a nova capital do Brasil. Editado pela Melhoramentos, fundada em 1890 e, já naquela época, uma das editoras mais tradicionais em atividade no país, teve ilustrações feitas por Oswaldo Storni, um desenhista que naquele momento era contratado pela casa editorial para ilustrações de suas edições, mas que já havia trabalhado em outros veículos de imprensa como *O Tico-Tico* e *O Malho*. Nascido no ano de 1912, é um geógrafo de formação, com um histórico considerável de publicações. Ainda na década de 1940, publicaria pela Melhoramentos *Geografia para o curso secundário* e, no ano de 1951, sairia pela mesma editora um volume sobre Euclides da Cunha intitulado *Euclides da Cunha: uma vida gloriosa*. Em 1952, Gicovate apresentaria *Geografia comercial: para as três séries de Geografia do curso comercial básico* e *Lima Barreto: uma vida atormentada*. Apenas três anos após esses volumes, seria lançado *Geografia Geral* e, no ano de 1959, o livro que interessa para esta pesquisa *Brasília: uma realização em marcha*. Nas bases de dados consultadas pelo autor da pesquisa consta um volume intitulado *Kafka*, publicado na década de 1970 pela Livraria Teixeira. Pouco se sabe sobre o autor desses trabalhos, que não apresenta, nas publicações consultadas, qualquer nota biográfica, mas, pelos volumes analisados pode-se inferir que se trata de uma figura interessada em diferentes campos do conhecimento – Geografia, educação e literatura brasileira.

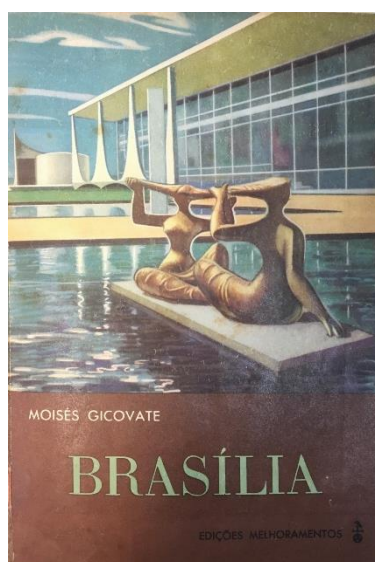


Figura 1: Capa da publicação de Moisés Gicovate.

Brasil, capital Brasília é um livro relativamente diferente de *Brasília: uma realização em marcha*. Ainda que o perfil editorial seja semelhante – como será analisado futuramente, as perspectivas apontadas e as interpretações realizadas gravitam em torno dos mesmos interesses – é visível que o trabalho de Orico tem uma edição minuciosa: para um livro publicado na transição da década de 1950 para a de 1960, quando o mercado editorial brasileiro era muito limitado, é ricamente ilustrado e confeccionado com papel especial. Chama ainda a atenção as dimensões consideráveis da publicação, de quase 450 páginas. É certamente relevante mencionar que Orico foi uma figura de destaque na primeira metade do século XX no Brasil, muito mais conhecido publicamente do que Gicovate. Escritor de renome, nasceu em Belém do Pará e diplomou-se em Direito pela Universidade do Rio de Janeiro. Ocupou de 1937 até 1981, ano de sua morte, a cadeira nº 10 na Academia Brasileira de Letras e foi o responsável pela publicação de inúmeras obras. Entre elas, pode-se destacar: *A luta pela independência das Américas*, feito em 1922, *O idealismo na bandeira do Brasil*, de 1927, *Vida de José de Alencar* e *Mitos ameríndios*, lançado dois anos depois, em 1929, *O demônio*



da Regência, de 1930, *O tigre da Abolição*, lançado em 1931, *Imagens do Rio de Janeiro*, 1935 e *Vocabulário de credences amazônicas*, finalizado e lançado em 1937.

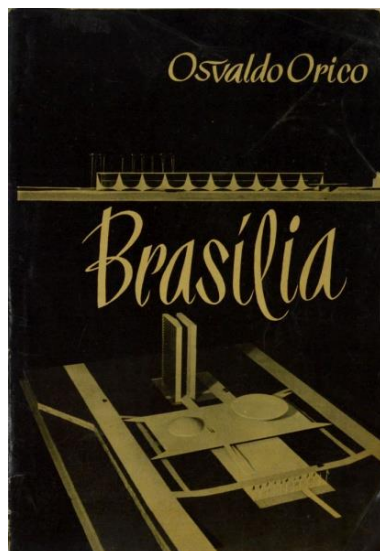


Figura 2: Capa da publicação de Osvaldo Orico.

José Peixoto da Silveira, o terceiro autor da tríade, foi um político brasileiro, nascido no estado de Minas Gerais no ano de 1913 e falecido em Goiânia em 1987. As minúcias biográficas desse autor o diferenciam de Moisés Gicovate e de Osvaldo Orico: não é um pretensão intelectual que redige o texto, ainda que o volume de Silveira não tenha qualquer deficiência argumentativa, mas um médico que, recém-graduado na Faculdade de Medicina cliníca no sertão do país. A experiência, segundo Peixoto da Silveira, deixaria marcas profundas e inclinaria o autor para a política, dadas as péssimas condições de vida das populações que se situavam longe da costa brasileira e dos polos de maior desenvolvimento econômico do país. Diz que “o sertão pareceu-me mais estranho do que fosse outro país. Espantosamente infra-humanas as condições de vida naquela decepcionante paisagem social” e ainda que “vi que aqueles que ali estavam eram compatriotas, que nasceram neste mesmo país, e vivem na mesma pátria. Mas não vivem o mesmo século” (SILVEIRA, 1960, p. IX). A transferência de Brasília se apresentava, portanto, como uma forma de interiorizar o país e desenvolver economicamente a região, uma saída possível e necessária para reverter o quadro de pobreza que encontrara quando ainda era um jovem médico. Uma nova capital seria apaixonadamente defendida pelo autor ao longo de todo o *A Nova Capital: Por que, para onde e como mudar a capital federal*, com uma sequência considerável de dados e estatísticas. Objetivava apresentar a necessária transferência da capital federal e, “abordando as múltiplas faces do problema, pretende demonstrar que sua reclamada solução não pode ser mais adiada, já que não podem ser mais postergados os benefícios que dela advirão para toda a comunidade nacional” (SILVEIRA, 1960, p. 11). Homem de destaque no cenário nacional, Silveira foi vinculado ao Partido Social Democrático desde muito jovem até o ano de 1965 e, a partir desta data, transferiu-se para o MDB – Movimento Democrático Brasileiro, em que permaneceu até o fim de sua vida. Foi Prefeito, Deputado Estadual, Secretário de Estado de Saúde e Assistência, Secretário da Fazenda e Deputado Federal pelo estado de Goiás. Também foi um dos membros da Comissão de Localização da Nova Capital Federal, sendo responsável pela localização da nova capital no final do ano de 1955, quando teve a oportunidade de conhecer pessoalmente o recém-eleito presidente da República.



Esses autores apresentarão leituras semelhantes da nova capital do Brasil, ainda que apresentem uma considerável diversidade de formação e variada posição intelectual. O mais relevante, entretanto, é o fato de optarem por escrever sobre um acontecimento histórico no país – a mudança da capital e a construção de uma nova sede governamental –, fato até então inédito. Esses autores, um geógrafo, um membro da Academia Brasileira de Letras e um político com formação em medicina farão, cada um ao seu modo, um livro em defesa da construção de Brasília. Essa atitude não é irrelevante e corrobora com a perspectiva adotada por este artigo, ou seja, a de que Brasília foi um evento com intensas capacidades de mobilização e catalisação popular. As análises dos autores, que serão destrinchadas a seguir, se concentrarão em alguns pontos específicos e comuns: 1) A importância da transferência. 2) A transferência como uma possibilidade de desbravar o interior do Brasil e colonizá-lo com o desenvolvimento econômico e social que existia apenas nas cidades mais importantes próximas à costa. 3) A apologia de seu “mestre fundador”, o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.



Figura 3: Capa da publicação de Peixoto da Silveira.

Trabalhos e suas tangências: um mesmo olhar para o Brasil

Essas publicações iniciais, que apresentam Brasília ao público em geral (e não apenas aos arquitetos, como muitos trabalhos posteriores), serão responsáveis pelo desenvolvimento de uma narrativa via apologia quando entra no tema da transferência da capital do Rio de Janeiro para o centro do Brasil. É enfatizado o potencial transformador da nova capital, com ênfase significativa nas virtualidades do empreendimento proposto pelo então presidente Juscelino Kubitschek. Esse é apresentado, não raramente, como um “político pleno”, “homem de visão estratégica”, profundamente envolvido com o “desenvolvimento nacional”. Os livros publicados no Brasil – *Brasília: uma realização em marcha*, *A Nova Capital* e *Brasil, capital Brasília* – têm, portanto, forte apelo sentimental. Gicovate chega a mencionar: “É necessário que se molde uma mentalidade de Brasília. A preparação psicológica de todo o povo, a fim de que se passe a pensar em termos de Brasília” (GICOVATE, 1959, p. 10). Essa passagem não é pouco relevante, considerando que apresenta de uma forma clara o espírito por trás desses trabalhos: são uma maneira de divulgar publicamente o que era para os autores uma grande realização.



Alguns termos são recorrentes nas três publicações. Um deles é a referência à marcha ao oeste, atualmente não utilizada pela atual historiografia da nova capital brasileira e certamente inspirada nos acontecimentos expansionistas do território norte-americano. Moisés Gicovate afirma que “Brasília é o marco de ingresso do Brasil em uma nova era de grandeza e de civilização. Representa o trabalho construtor da verdadeira marcha para o oeste” (GICOVATE, 1959, p. 71). E Peixoto da Silveira também faz sua referência: “A tradução literal da marcha para oeste (Go West...), por exemplo, como foi proposta entre nós, deixou de ser ridícula, porque não passou de simples demagogia” (SILVEIRA, 1959, p. 38). A marcha para o oeste nos Estados Unidos representou um momento de transição importante para o país, considerando que permitiu o desenvolvimento das potencialidades naturais e o crescimento econômico das antigas colônias inglesas. A ênfase na marcha para o oeste brasileira parece seduzir esses autores que imaginavam que a transferência da capital poderia apresentar desdobramentos econômicos parecidos em terras brasileiras. Também recorrente nos três volumes é um emblemático “espírito bandeirante”, que de alguma forma está vinculado com a mencionada marcha ao oeste – ambas representam a expansão e consolidação territorial nas Américas. Os bandeirantes são sertanistas que existiram no Brasil colonial e que, a partir do século XVI, penetraram os sertões do país à procura de riquezas diversas – como ouro, prata e indígenas para escravização. Durante muitas décadas esses personagens tiveram um espaço singular, de quase glorificação e apologia, o que justifica sua presença no imaginário popular e mesmo na literatura especializada.

Na abertura de seu livro, Peixoto da Silveira escreve, após comentar sua experiência no sertão do Brasil, que havia visto “remanescentes dos bandeirantes, feitos sentinelas que, na inconstância de seu próprio heroísmo, consolidando a posse da terra, não consentiram em recuar. Ficaram, porém, sitiados no espaço e no tempo” (SILVEIRA, 1960, p. IX). E, posteriormente, volta a mencionar os bandeirantes, afirmando que Brasília “transformará este país imenso – que devemos ao arrojo dos bandeirantes – na grande nação – que legaremos aos nossos filhos” (SILVEIRA, 1960, p. 12). É difícil não perceber a posição que a figura do bandeirante ocupa nas duas frases mencionadas: o homem bandeirante herói, que desbravara o interior do país e que, após ocupar determinada região caíra – infelizmente – em declínio e a menção à extensão do país, resultado da ambição desses homens “aventureiros”.

Brasil, capital Brasília adentra no tema da interiorização do país. Orico afirma: “Nesse arruado de tendas e casas de negócio que se estão espalhando e crescendo com o ímpeto de um acampamento do Far-West americano, está a chave de todo um programa de desenvolvimento, do qual Brasília é somente um episódio” (ORICO, 1960, p. 243). Citando Danton Jobim, menciona: “Ainda está no berço, e já produz belos frutos. Converteu-se no mais importante nós-de-comunicações do país, pois dela estão partindo as estradas e ferrovias que ligarão o centro geopolítico do Brasil ao Litoral (...) o que quer dizer que, em alguns anos, vamos derrubar a barreira que separa a costa do Brasil de seu longínquo interior” (ORICO, 1960, p. 242). Frases semelhantes também podem ser encontradas em *A Nova Capital* e em *Brasília: uma realização em marcha*. “O Brasil é arquipélago e continente ao mesmo tempo (...). As diversidades se acentuam quando se examinam os meios técnicos de produção, as condições de trabalho e ainda o nível de vida. Existe ainda diversidade, ou oposição entre o litoral e o interior” (GICOVATE, 1959, p. 57). E Silveira comenta: “Constituirá o esperado ponto de apoio entre o litoral e o sertão. Será a nossa adaptação política às condições geográficas. Será, material e psicologicamente, o trampolim que imprimirá novo ritmo à verdadeira conquista do interior, dando ao Brasil a pleniposse de si próprio” (SILVEIRA, 1960, p. 41).

O livros e vínculos com Juscelino



Os trabalhos de Osvaldo Orico, Peixoto da Silveira e Moisés Gicovate foram escritos quase simultaneamente no calor dos acontecimentos que marcaram o período de governo de Juscelino Kubitschek. É esperado, portanto, que esses trabalhos transpareçam muito do momento histórico do país. O que é curioso é a importância – e a definitiva presença – da figura de Juscelino Kubitschek em todos os livros.

A publicação de Osvaldo Orico tem um capítulo denominado “O presidente-garimpeiro”. Trata-se de uma longa narrativa que reforçaria uma posição de apologia à figura de JK. Orico comenta que “o atual presidente do Brasil não para. Nem física, nem mentalmente. Está sempre em evolução. Na terra ou no espaço” (ORICO, 1960, p. 93). E ainda que “aonde quer que vá, onde quer que apareça, está o Chefe de Estado, não na pompa de suas cerimônias e regalias, mas na visita familiar de seus deveres e cogitações, simples, ameno, cordial, deixando à vontade todos os que acercam dele ou dos quais ele se acerca” (ORICO, 1960, p. 93). Finalizando, diz que “Juscelino não para. Por isso se move. Desloca-se no tempo, no espaço (...). Enfrentando com saúde e os nervos a barreira do som, o Presidente do Brasil sobrepõe-se ao herói de Graça Aranha; torna a história maior do que a lenda” (ORICO, 1960, p. 100). Vale também mencionar que a publicação conta com duas “orações”: a primeira foi redigida por André Malraux, escritor francês que cunhara a expressão “capital da esperança” ao se referir à Brasília. A segunda, redigida por Juscelino Kubitschek. O então presidente afirma, se referindo à nova cidade, que “esse milagre prestes a concluir-se é a mais bela vitória do Brasil moderno, como afirmação contemporânea da operosidade de seu povo e da amplidão de recurso de seu gênio criador” (ORICO, 1960, p. 419).

Brasília: uma realização em marcha, volume redigido por Gicovate, apresenta uma relação diferente com a figura de Juscelino, mas ainda significativamente curiosa. O livro é declaradamente dedicado ao presidente, como confirma a frase de abertura do trabalho que diz: “Ao Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira que, compreendendo haver chegado o momento oportuno para acelerar a marcha para o Oeste, fez surgir, com ímpeto e coragem, no coração do Brasil, a Nova Capital – BRASÍLIA –. Dedicamos este pequeno trabalho” (GICOVATE, 1960, p. 3). Gicovate comenta ainda na introdução de seu volume: “Não poderíamos, pois, deixar de atender ao apelo do Senhor Presidente da República no sentido de divulgar, explicar e difundir tais idéias” (GICOVATE, 1959, p. 9, grifo do autor), deixando subentendido que a publicação fora uma solicitação pessoal de JK.

Já *A Nova Capital*, trabalho redigido por Peixoto da Silveira, é um trabalho que não apenas apresenta uma versão apologética à figura de Juscelino, como no livro de Orico, ou têm um dedicatória destinada a JK, como faz Gicovate, mas apresenta uma introdução escrita pelo então presidente da República. Juscelino afirma que:

“A Nova Capital” é um livro da maior importância e atualidade, porque constitui uma exposição exata, ampla e objetiva dos trabalhos realizados para a construção de Brasília, ao mesmo tempo em que realiza uma análise dos fatores de ordem geográfica, econômica, histórica e social que finalmente impuseram à atual geração brasileira o dever de dedicar suas energias a esta obra ciclópica. Nada de significativo e verdadeiramente duradouro poderá ser construído sem lutas, sacrifícios e idealismo. Só com o pensamento voltado para o futuro é que as gerações presentes poderão ser dignas de admiração dos que nos sucederem na corrente ininterrupta do tempo. Temos uma Pátria a servir e dignificar e ela de nós espera que saibamos estar à altura da tarefa de lhe proporcionar, com o nosso esforço de hoje, os elementos para sua força e sua grandeza de amanhã. Peixoto da Silveira, com brilhante e documentado ensaio sobre a Nova Capital, presta relevante serviço à causa que ora empolga, de um extremo a outro do País, todos os Brasileiros. Seu livro contribuirá para esclarecer a



opinião pública sobre o sentido da transferência da Capital, dissipando dúvidas e incompreensões, e para demonstrar que o que muitos ainda há pouco acreditavam um sonho já é uma realidade firme e voluntariosa, tocada com as cores da aurora em que ressurgue um novo dia para o Brasil. as.) Juscelino Kubitschek (SILVEIRA, 1960, p. 3).

Epílogo

É de se esperar que a opinião pública do país estivesse dividida no momento da construção de Brasília entre os céticos, aqueles que, por inafetividade política ou outra razão pessoal, desacreditavam na realização do novo empreendimento, e os apologistas, os que defenderam apaixonadamente a transferência propostas por Juscelino. Não é preciso dizer, considerando a clareza dos textos, que os três livros pertencem decididamente à categoria dos apologistas: desvinculadas de um olhar crítico, apresentam uma versão quase romântica de Brasília. Estão apegados a uma febre nacional-desenvolvimentista e, ainda mais significativo, comprometidos com JK: das três publicações, todas fazem referência ao ex-presidente. Esses dados acabam por confirmar o caráter panfletário e ideológico presente nesses trabalhos.

Talvez seja difícil discutir de que se trata de trabalhos carentes de perspectiva historiográfica. É sempre difícil escrever no calor dos acontecimentos, e todos sabem que um olhar temporal mais distanciado é sempre uma segurança e um privilégio ao historiador. Mas este não é o caso dos livros analisados: não existe uma postura de historiador, ou uma mínima análise rigorosa dos fatos. A historiografia da capital definitivamente se desenvolveria somente alguns anos após a conclusão da cidade. Os manuscritos de Orico, Silveira e Gicovate se aproximam, portanto, mais de trabalhos que têm o objetivo de ser instrumento de convencimento coletivo. Não são volumes dedicados à arquitetura, como a quase absoluta maioria dos trabalhos editados atualmente sobre Brasília, mas que apresentam uma obsessiva forma de instrumentalizar um acontecimento político. Vale comentar que as publicações foram reeditadas inúmeras vezes: nos manuscritos consultados para este artigo, *A Nova Capital* consta como sendo um exemplar de 2ª edição. Nas bases on-line de bibliotecas universitárias foram encontrados exemplares do livro de Orico publicados em 1958, 1960 e 1961 – e por editoras diferentes – o que também indica que a publicação teve mais de uma reimpressão. Definitivamente esses trabalhos foram sucesso comercial e eram comercializados para vários setores da sociedade civil. Mesmo na atualidade, é difícil encontrar livros de arquitetura ou outras áreas que passem da primeira impressão, e deve-se considerar que o público leitor do país aumentou significativamente da década de 1960 para cá.

Referências

(Sem autor) **Nova Capital do Brasil**: Brasília. São Paulo: Zenit, 1960.

BRAGA, Milton. **O Concurso de Brasília**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BRAZILIAN GOVERNMENT TRADE BUREAU. **Brasília: the world's newest capital**. New York, s/d.
COLEÇÃO BRASÍLIA. **Antecedentes Históricos (1549-1896)**. Volume I. Rio de Janeiro: SDPR, 1960.

COLEÇÃO BRASÍLIA. **Antecedentes Históricos (1897-1945)**. Volume II. Rio de Janeiro: SDPR, 1960.

COLEÇÃO BRASÍLIA. **Antecedentes Históricos (1945-1956)**. Volume III. Rio de Janeiro: SDPR, 1960.



COLEÇÃO BRASÍLIA. **Brasília: História de uma ideia.** Volume III A. Rio de Janeiro: SDPR, 1960.

COLEÇÃO BRASÍLIA. **Diário de Brasília 1960.** Volume VII. Rio de Janeiro: SDPR, 1960.

COLEÇÃO BRASÍLIA. **Brasília e a opinião Nacional (1956 – 1957).** Volume VIII. Rio de Janeiro: SDPR, 1960.

COLEÇÃO BRASÍLIA. **Brasília e a opinião Nacional.** Volume IX A. Rio de Janeiro: SDPR, 1960.

COLEÇÃO BRASÍLIA. **Brasília e a opinião estrangeira.** Volume X. Rio de Janeiro: SDPR, 1960.

COLEÇÃO BRASÍLIA. **O Congresso Nacional e Brasília.** Volume IX. Rio de Janeiro: SDPR, 1960.

CORBISER, Roland. **Brasília e o desenvolvimento nacional.** Rio de Janeiro: ISEB, 1960.

CULTURAL DIVISION, BRAZILIAN MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS. **Brazil Builds Brasília.** Zurich: Orell Fussli, 1960.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** São Paulo: Edusp, 1996.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil.** São Paulo: Edusp, 2001.

GICOVATE, Moisés. **Brasília: uma realização em marcha.** São Paulo: Melhoramentos, 1959.

GOODWIN, Philip. **Brazil Builds: architecture new and old 1652-1942.** Nova York: Moma, 1943.

KUBITSCHKE, Juscelino. **Por que construí Brasília.** Rio de Janeiro: Bloch Edições, 1975.

MAGALHÃES, Aloisio; FELDMAN, Eugene. *Doorway to Brasília.* Philadelphia: George Wittenborn, 1959.

ORICO, Osvaldo. **Brasil, capital Brasília.** Rio de Janeiro: Serviço gráfico do IBGE, 1960.

PENNA, J O Meira. **El Brasil construye una nueva capital.** Montevideo: Instituto de Cultura Uruguayo-Brasileño, 1957.

PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL. **Brasília, ano X.** Brasília: Gráfica Lady, 1968.

REVISTA BRASÍLIA. Brasília: Novacap/Bloch, 1957 v. 1. Disponível *on-line*:

<<http://www.arpdf.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/07/NOV-D-4-2-Z-0001-1d.pdf>> (acessado em 7/1/2019)

REVISTA BRASÍLIA. Brasília: Novacap/Bloch, 1957 v.2. Disponível *on-line*:

<<http://www.arpdf.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/07/NOV-D-4-2-Z-0001-2d.pdf>> (acessado em 7/1/2019).

REVISTA BRASÍLIA. Brasília: Novacap/Bloch, 1957 v. 4. Disponível *on-line*:

<<http://www.arpdf.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/07/NOV-D-4-2-Z-0001-4d.pdf>> (acessado em 7/1/2019).

REVISTA BRASÍLIA. Brasília: Novacap/Bloch, 1957 v. 6. Disponível *on-line*:

<<http://www.arpdf.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/07/NOV-D-4-2-Z-0001-6d.pdf>> (acessado em 7/1/2019).

REVISTA BRASÍLIA. Brasília: Novacap/Bloch, 1960 v. 41. Disponível *on-line*:

<<http://www.arpdf.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/07/NOV-D-4-2-Z-0001-41d.pdf>> (acessado em 7/1/2019).

REVISTA BRASÍLIA. Brasília: Novacap/Bloch, 1960 v. 42. Disponível *on-line*:

<<http://www.arpdf.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/07/NOV-D-4-2-Z-0001-42d.pdf>> (acessado em 7/1/2019).

REVISTA BRASÍLIA. Brasília: Novacap/Bloch, 1960 v. 43. Disponível *on-line*:

<<http://www.arpdf.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/07/NOV-D-4-2-Z-0001-43d.pdf>> (acessado em 7/1/2019).

REVISTA BRASÍLIA. Brasília: Novacap/Bloch, 1957 v. 10. Disponível *on-line*:

<<http://www.arpdf.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/07/NOV-D-4-2-Z-0001-10d.pdf>> (acessado em 7/1/2019).

SCHEIER, Peter. **Brasília vive!** Rio de Janeiro: Livraria Kosmos, 1960.

SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa. **Brasil: uma biografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.



SILVEIRA, Peixoto da. **A Nova Capital**: Por que, para onde e como mudar a capital federal. Rio de Janeiro: Pongetti, 1959.

TAVARES, Jeferson. **Projetos para Brasília**: 1927-1957. Brasília: Iphan, 2014.

XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio. **Brasília**: antologia crítica. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

As referências ao longo do texto devem seguir a ordem (SOBRENOME DO AUTOR, data). A organização da lista deve ser por ordem alfabética do sobrenome do primeiro autor, seguindo a NBR 6023 (2002). Arial 10, entre linhas simples, alinhamento à esquerda, espaçamento 0 pontos antes, 6 pontos depois.

BRAYNER, A. R. A.; MEDEIROS, C. B. Incorporação do tempo em SGBD orientado a objetos. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE BANCO DE DADOS, 9., 1994, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 1994. p. 16-29.

CORREA, C. **Housing and Urbanization**. New York: Thames & Hudson, 1999. 15 p.

FLEURY & FLEURY. **Estratégias Empresariais e formação de competências: um quebra-cabeça caleidoscópico da indústria brasileira**. São Paulo: Atlas, 2001.

NADÓLSKIS, H. **Comunicação redacional atualizada**. 6. ed. São Paulo: Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas, 1998.

SCHAUM, D. *et al.* **Schaum's outline of theory and problems**. 5th ed. New York: Schaum Publishing, 1956. 204 p.

SILVA, R. N.; OLIVEIRA, R. Os limites pedagógicos do paradigma da qualidade total na educação. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPE, 4., 1996, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: UFPE, 1996. Disponível em: <<http://www.propesq.ufpe.br/anais/anais/educ/ce04.htm>>. Acesso em: 21 jan. 1997.